

## **CONTRADIÇÕES, DESAFIOS E TENSÕES: RELAÇÕES COMPLEXAS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A DIVERSIDADE.**

Robison Raimundo Silva pereira, professor Assistente da UESPI Campus de Floriano, Coordenador do NEPE – Núcleo de Estudos em Política Educacional e Diversidade; Olympia Maria Silva Saraiva, Pedagoga.

### **RESUMO**

Há pelo menos um quartel, a temática – diversidade étnico-cultural – vem sendo discutida na produção teórica sobre o processo de formação de professores. Com efeito, não obstante o interesse do campo intelectual em discutir esse assunto, ainda há resistência em aceitá-lo, sobretudo, por que ele seria muito atual. A nossa inquietação central é: Apesar de tantas diversidades, até que ponto o educador tem levado em consideração as diferenças encontradas em sala de aula? A pesquisa toma como referência a investigação de campo com enfoque bibliográfico. Como resultado, percebe-se uma negligência absoluta no trato dessas questões. No entanto, evidentemente, não é um problema apenas escolar, é uma intransigência que está na vida, e este é o problema. Conclui-se que não há como negar que discutir sobre a formação de professores/as e diversidade é uma tomada de posição repleta de complexidade, contradições, desafios e tensões.

**Palavra chave: Diversidade étnico-cultural. Educação. Formação de Professores.**

## 1. INTRODUÇÃO

Há aproximadamente trinta anos a temática – diversidade étnico-cultural – vem sendo introduzida na produção teórica sobre o processo de formação de professores. Porém, apesar do interesse do campo intelectual em discutir esse tema, ainda há resistência em aceitá-lo, mormente, por que ele seria muito atual. Esse argumento não leva em consideração que se a educação passar a se interessar por algumas questões problematizadoras não quer dizer que por isso elas se tornem atuais.

Como salienta Gomes e Silva (2011, p. 11), há muito a diversidade tem sido estudada pelas Ciências Sociais, sobretudo, pela Antropologia. Com efeito, percebe-se o seu reconhecimento, dentro de alguns segmentos do campo educacional, da grande lacuna que a não inclusão da diversidade cultural na formação dos professores (as) e no currículo escolar tem acarretado à educação brasileira, principalmente, a escola pública.

Outro argumento seria o de que as tendências pedagógicas preponderantes nas salas de aulas brasileiras, ainda seria o professor manter uma postura de mero transmissor e detentor único do saber. No entanto, cresce também por aqui, a concepção pedagógica em que a escola aparece como espaço onde a ação de professores e alunos podem contribuir para a transformação da sociedade capitalista. Cujas, função do professor é atuar como um ser pensante, crítico e atento a realidade e à individualidade de cada aluno, respeitando as diversidades culturais, étnico-sociais, cognitivas e intelectuais.

No atual mundo globalizado e em um Brasil de grande pluralidade, os debates sobre diversidade na educação fazem-se cada vez mais intensos, tanto pela urgência das mudanças que se fazem necessárias, como para oportunizar uma educação de qualidade para todos. Dessa forma, busca-se discutir uma prática pedagógica que compreenda o desenvolvimento do sujeito numa dimensão histórica, social e cultural, que atenda suas peculiaridades e respeite as diferenças. Na pedagogia humanista é possível captar esses fundamentos cuja reflexão de Paulo Freire denomina como prática-educativo-progressista, que deve se desenvolver baseada numa relação de autonomia do educando, ou seja, transformar sua curiosidade ingênua e crítica em conhecimento.

Analisar a postura do educador diante da diversidade do aluno é de fundamental importância para que o docente possa avaliar e refletir suas próprias habilidades e

competências e torne-se assim consciente acerca da relevância de sua prática no que se refere às diferenças e de como trabalhá-las em sala de aula valorizando o que cada aluno tem enquanto capital cultural.

Mas, não podemos mascarar a discussão, o que se percebe é uma prática docente ainda muito homogenia, onde o aluno quase nunca é visto como um ser sócio-cultural. Essa observação tem sido vivenciada por alunas (os) do nosso grupo de pesquisa – NEPE- Núcleo de Estudos em Políticas Educacionais e Diversidade, através de estágios supervisionados e em outro momento através de pesquisa nas escolas municipais da cidade de Florianópolis. Uma das nossas principais inquietações é: Apesar de tantas diversidades, até que ponto o educador tem levado em consideração as diferenças encontradas em sala de aula?

A escola ainda é o espaço das reproduções ideológicas da classe dominante, isto é, excludente, segregadora e desigual, mas também, é o um espaço para os questionadores e transformadores. É fato que o modo de ser do professor, seu jeito de pensar, agir e sentir repercutirá no comportamento dos alunos, bem como a imagem e a concepção que o aluno tem do professor também irá interferir na ação de ambos. Dessa forma, a referida pesquisa tem como objetivo geral compreender a postura do educador numa sociedade contraditória, bem como objetivos específicos refletir sobre a importância do respeito à diversidade em sala de aula; e por fim, relacionar os fatores que interferem na postura desse educador diante da diversidade.

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de campo com enfoque bibliográfico. A pesquisa bibliográfica é aquela que se efetiva tentando se resolver um problema ou adquirir conhecimento a partir do emprego de predominância de informações. A pesquisa de campo, por sua vez, pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada.

## **2. UMA BREVE REFLEXÃO ACERCA DO CONCEITO DE DIVERSIDADE**

De acordo com Abramowick (2006) diversidade pode significar variedade, diferenças, multiplicidade. A diferença é a qualidade do que é diferente o que distingue uma coisa da outra, a falta de igualdade ou de semelhança. Onde há diversidade há diferenças. Sacristán (2002) comenta ainda que diversidade alude a circunstâncias dos

sujeitos de serem diferentes, algo em que em uma sociedade liberal, tolerante e democrática é digno de respeito.

Para Abramowick (2006) diversidade pode significar variedade, diferenças e multiplicidade. A diferença é qualidade do que é diferente; o que se distingue uma coisa da outra, a falta da igualdade ou de semelhança. Nesse sentido podemos afirmar que onde há diversidade existe diferenças.

A diversidade no contexto social e educativo pode ser definida como aquilo que traduz diferenças entre pessoas. Ou seja, na educação a diversidade é a expressão das diferenças individuais e sociais em forma de necessidades educativas diferentes.

As ideias de diversidade emergem em meio às discussões sobre os processos históricos das lutas por liberdades democráticas cujas influências podem ser detectadas nos sistemas atuais de governo, organização social e ensino (MATTOS, 2008). Percebe-se que a diversidade em sua variabilidade tem sido um tema bastante abordado e disseminado devido aos novos conceitos sociais.

### **3. A AMPLITUDE DO CONCEITO**

O Brasil é um país sócio-historicamente diverso de uma mistura imensa, seja cultural, social, racial e/ou religiosamente. Esta miscigenação vem desde sua formação étnico-cultural, dos primórdios históricos e assim perduram até os dias atuais.

Os movimentos migratórios, a liberdade de expressão em alguns locais do mundo e a globalização são os principais fatores que fizeram da diversidade um assunto complexo e grandioso nos dias atuais (MARQUES, 2003).

Em sala de aula estas “diferenças” já se apresentam de forma nítida. Somada a elas podem surgir neste cenário, ainda, crianças com déficits físicos ou intelectuais, limitações motoras e/ou cognitivas, ou simplesmente traços de sua personalidade que o diferenciam da possível homogeneidade da sala de aula.

Destarte, a inclusão passa a ser um tema bastante pertinente no que se refere à educação e diversidade em salas de aula do país. Quando se trata da diversidade como variabilidade, os tipos mais citados pela literatura em uso são: Étnico-racial, de gênero, cultural, socioeconômica, religiosa e sexual.

Nossa história é marcada pela eliminação simbólica e/ou física do “outro” esse processo de negação na maioria das vezes, ocorreram no plano das representações e do imaginário social quando estabelecemos os conceitos do que é ser belo, magro, branco, ser mulher ou até mesmo ser brasileiro.

#### 4. UM TEMA QUE NÃO PODE SE AUSENTAR DA ESCOLA

Efetivamente nas salas de aulas atuais cruzam-se estudantes de meios familiares diversificados, de diferentes realidades socioeconômicas, culturais, linguísticas, de diferentes etnias, cor da pele, gênero, convicções religiosas, ritmos e estilos de aprendizagens, entre outras.

A diversidade, enquanto coexistência de diferenças num contexto social determinado, não constitui um fenômeno novo. Aliás, as diferenças são inerentes do ser humano, e na escola surge inevitavelmente este encontro de diferentes realidades. (SARAIVA, 2012).

O maior questionamento em meio a esta realidade é de como educar, transmitir saberes de forma a atingir individualmente cada aluno em meio a esta diversidade?

Reconhecer que somos diferentes para estabelecer a existência de uma diversidade cultural no Brasil, não é suficiente para combater estereótipos e os estigmas que ainda afetam milhares de crianças em nossas escolas e milhares de adultos em nossa sociedade. Nesse sentido Maria Vera Candau salienta que:

Não se deve contrapor igualdade a diferença. De fato, a igualdade não está oposta a diferença, e sim à desigualdade, e diferença na se opõem à igualdade, e sim a padronização, à produção em série, à uniformidade, a sempre o “mesmo”, a mesmice. (CANDAU, 2005, p.19).

Os educadores que percebem em sua ação pedagógica os conceitos de gênero, raça e etnia veem que são socialmente construídos e usados para marginalizar o “outro”, e se assim, estarão, de fato, contribuindo para a constituição de uma diversidade cultural que não seja apenas tolerante, mas que perceba que “eu” e o “outro” temos os mesmos direitos e devemos ter a mesma representatividade, tanto na escola quanto na sociedade.

Consoante com Silva (2000), a diversidade biológica pode ser um produto da natureza, mas o mesmo não se pode dizer sobre a diversidade cultural, pois, de acordo, com o autor, a diversidade cultural não é um ponto de origem, ela é em vez disso um

processo conduzido pelas relações de poderes da sociedade que estabelece “outro” diferente do “eu” como uma forma de marginalização e exclusão.

Apesar da diversidade se manifestar de diversas formas na escola por meio de muitos tipos de diferenças, Gaeta (2003) comenta que as escolas estão oficialmente convocadas a proporcionar a extensão dos direitos democráticos de todos de acordo com os PCN's que ressalta os temas transversais abertos, flexíveis, não impostos como diretrizes obrigatórias, mas que cabe a cada escola, mediante a sua construção do seu projeto educativo, dar condições de exercício da cidadania para construção de uma sociedade não excludente.

Já para de Gil (2008) é preciso que uma verdadeira escola de qualidade celebre a diversidade de todos os seus elementos e a use como alavanca essencial da aprendizagem e vida escolar. O desafio é dar mais qualidade a diversidade e mais diversidade á qualidade.

Uma escola aberta à diversidade deve dar respostas concretas a todos os alunos que a compõem, ainda devem, sobretudo adaptar-se as crianças e não o contrário, visto que se queremos acompanhar as mudanças ocorridas, devemos ter uma atitude aberta às essas mudanças baseadas numa reflexão crítica como forma de descobrir novos caminhos que melhorem a qualidade do ensino, buscando as soluções mais adequadas às situações recentes. E essa resposta só será dada se o professor conhecer a si e aos conteúdos que lhe são exigidos.

## **5. FORMAÇÃO DE PROFESSORES UM PROCESSO COMPLEXO E CONTÍNUO.**

Tomado de empréstimo as ideias de Foucault e atualizando a discussão para o nosso caso – professores (as) sabe-se que não é fácil para muitos professores, desnaturalizar conceitos, hábitos, práticas pedagógicas, mas é preciso estabelecer conflitos entre esses pré-estabelecidos e uma concepção de educação escolar, em busca de um conhecer a si, onde por exemplo as diferenças devam ser o mote das ações pedagógicas não a tolerância. Posto que, como já assinalou, o pensador francês, o cuidado de si deve refletir uma ideia comunitária para toda escola – cidade. Aqui as inquietudes em viver a cidade é tornar a diferença uma positividade, uma afirmação,

uma verdade, para que as práticas escolares sejam realmente educativas PEREIRA (2012).

Quer-se dizer, a educação escolar, entendida como parte constituinte do processo de humanização, socialização e formação, tem, pois, de estar associada aos processos culturais, à construção das identidades de gênero, de raça, de idade, de escolha sexual, entre outros. (SILVA, 2000).

A educação brasileira, desde a educação básica até o ensino superior, tem sido objeto de grande preocupação e de muitas discussões, sobretudo, em relação aos professores pesquisadores, mas, também de estudantes. Essas discussões revelam, quase sempre, a necessidade de ter profissionais formados para a tarefa social de educar de acordo com os desafios dessa diversidade.

Independentemente das concepções adotadas e das imagens assumidas, há que ter presente que forma-se professor dá-se num processo contínuo, seja nas fases distintas do ponto de vista curricular realizadas durante a formação inicial, seja na progressiva educação, proporcionada pelo exercício da profissão. (SILVA, *Ibidem*).

Com efeito, é necessário refletir sobre o papel do professor na sociedade brasileira pluriétnica e multicultural. É perceptível que os professores do novo século encontram-se cada vez mais com conhecimentos teóricos e aperfeiçoamentos acadêmicos. Porém, juntamente com este aprimoramento dos saberes, o momento histórico e social com a informação ao alcance de todos e os direitos humanos discutidos livremente, exige do professor além de bom preparado intelectual, competências e habilidades em relação às diferenças dos alunos. (SARAIVA, 2012).

Há ainda argumentos que, buscam um método de ensino que minimize os obstáculos encontrados no processo de ensino-aprendizagem e esta busca é uma constante preocupação do professor. Este profissional da educação deve desenvolver as competências necessárias e intrínsecas ao seu ofício, aos quais, muitas vezes, constroem-se em formação, ao sabor da navegação diária de um professor, de uma situação de trabalho a outra (LE BOTERF, 1997).

A ideia de competência profissional não é nova, mas seu uso está sendo difundido no atual contexto político-social, dando-lhe conotações de inovação, com

repercussões que vêm demarcando novas posturas dos educadores que atuam tanto no âmbito profissional mais específica quanto no da formação básica.

A formação de um profissional atualizado, necessário a novas condições econômicas, políticas, sociais e culturais do país exige um preparo adequado. As dimensões técnicas e políticas da educação tornam-se elementos norteadores das propostas de ensino. Já existe escola hoje que requisita um professor que expresse em seu fazer pedagógico as dimensões humana, tecnológica e política e que seja capaz de visualizar.

Nas relações internas da própria escola é que se observa que nem todos são tratados igualmente, principalmente os alunos. Estes não estão manifestando seus pontos de vista e a participar na tomada de decisões relativas a vida escolar (SILVA; SANTOS, Idem).

A discussão sobre a formação de professores, parafraseando Silva (2000), a partir da construção de uma postura ética dos educadores e das educadoras no que diz respeito a essas e tantas outras questões em torno da diversidade. O trato da diversidade não pode ficar a critério da boa vontade Ou da intuição de cada um. Ele deve ser uma competência político-pedagógica a ser adquirida pelos profissionais da educação nos seus processos formadores, influenciando de maneira positiva a relação desses sujeitos com os outros tanto na escola quanto na vida cotidiana.

Isto é, a instituição escola deve preocupa-se como deve ser essa competência a partir de um tipo de educador que tenha como base princípios de tolerância, de respeito pelas diferenças, de solidariedade e de muita afetividade. O mesmo deve basear-se nos conhecimentos científicos, mas também no profissionalismo e no cumprimento rigoroso de seus deveres profissionais.

Em outra perspectiva do debate, é preciso saber o que pensam os (as) professores e os (as) alunos sobre o assunto. Ou seja, é preciso a aproximação desses sujeitos como sujeitos e não só como profissionais, e chegar ao cerne das questões relacionadas à construção das diferentes identidades.

É prudente sugerir os métodos didáticos que possibilitem a livre participação dos alunos, a discussão e a troca de ideias com os colegas e a elaboração pessoal do conhecimento de diversas matérias, contribuem de forma decisiva para a aprendizagem

e desenvolvimento da personalidade dos educando. Para isso o trabalho em grupo, e principalmente a integração dos alunos aos grupos, é de fundamental importância: contribui para a aprendizagem de convivência social, do respeito às ideias divergentes, da elaboração pessoal do conhecimento, etc. O indivíduo fica muito mais envolvido aprendizagem em grupo, é solicitada a participar, a confrontar suas ideias com as dos outros (SILVA; SANTOS, 2002).

Ou seja, educar e ensinar com excelência é um compromisso com a construção da identidade do discente, onde o professor possa atender a realidade pessoal de cada um, respeitando sua realidade cultural e social.

## **6. RESULTADOS ALCANÇADOS**

A diversidade tem sido uma temática bastante frequente seja de forma informal, através da mídia, por exemplo; seja nas pesquisas científicas. A escola tem se mostrado como um palco para exploração dessas diferenças. Por ser um local de integração de pessoas de diversas origens, sejam étnicas, culturais, sociais, familiares, os professores necessitam cada vez despertar para esta realidade, tendo assim uma concepção formada do diverso em sala de aula.

Assim, a Escola Municipal Eleotério Rezende - No município de Floriano-PI, visitada pelos autores durante estágio supervisionado e pesquisa monográfica - foi escolhida para a realização da pesquisa. Para analisar os dados a seguir, parte-se do pressuposto de descoberta de relações (semelhantes, contrastes) mais ou menos constantes entre os fatos observados. É claro que as generalizações não são totais, ou absolutas, isto é, sempre há alguma exceção. Algumas generalizações ou leis são bastantes gerais, acontecem 99% das vezes. Outras são menos gerais, acontecem apenas em 50 ou 70% dos casos. Mas há uma relação entre os fatos na maioria das vezes. E são esses fenômenos sociais que são destacados e analisados aqui.

Aqui apresentaremos apenas uma amostra da referida pesquisa realizada no segundo semestre de 2012. Ao serem questionados sobre suas concepções individuais de diversidade, dos 10 professores entrevistados, 30% afirmaram que não existe diversidade na escola, todos são iguais e assim tratados. Uma maioria de 50% afirmou existir diversidade, que todos convivem bem com ela na base do respeito. Outros 20%

afirmaram que a diversidade é perceptível nas escolas e que é um fator positivo para o aprendizado, pois estimula a troca de saberes.

Já quando questionados sobre a principal diferença na profissão docente nesta sociedade atual com a diversidade em evidência em sala de aula, 40% trazem à tona a ideia de que antigamente o professor não precisava se preocupar com diversidade e fortalecem a afirmativa dizendo que aluno era sempre igual.

Há uma negligência absoluta no trato dessas questões. No entanto, evidentemente, não é um problema apenas escolar, é uma intransigência que está na vida, e este é o problema. Como propõe Abramowicz (2011), precisamos nos perguntar de que tipo de vida tal escola é sintoma? Ou quais forças ativas e reativas forjaram tal perspectiva de escola e com que interesse, no interesse de qual tipo de vida?

Os outros 60% afirmam que a relação aluno e professor mudou por conta dessas mudanças sociais e educacionais, sendo aluno e professor hoje mais próximos.

De acordo com Magalhães *et al* (2005) esta pergunta pode ser remetida a uma nova concepção de sala heterogênea, onde se deve primar pela individualidade. Esta impulsionou, ou ao menos abriu espaço para uma reflexão crítica, um novo olhar dos educadores, que até então mantinham a ideia de classe homogênea. Cada ser é dotado de individualidade, contexto social e, principalmente, um fato que é essencial na educação, cada educando tem seu nível de desenvolvimento.

Destarte, uma classe escolar é heterogênea em todos os seus aspectos. Esta sala heterogênea com educadores focados na individualidade justificam os professores pesquisados afirmarem em sua maioria que houve uma aproximação entre professor e aluno no ambiente de sala de aula, pois esta proximidade permite além da percepção das diferenças, uma real possibilidade de trabalhá-las com eficiência.

## **7. A GUIA DE CONCLUSÃO**

Apesar da diversidade, ser uma temática há muito discutida e bastante atual, e da escola ser um ambiente propício ao confronto dessas diferenças, através deste estudo evidencia-se o quão complicado ainda é lidar com esta realidade.

O fato de se reconhecer diverso ou identificar no outro esta característica não nos faz capazes de solucionar todos os problemas correlacionados. No ambiente escolar, percebeu-se a dificuldade em se identificar as diversidades, de se lidar com elas e, até mesmo, um certo desinteresse em se buscar melhores formas de se trabalhar, adotando assim o princípio de salas de aula heterogêneas. Fatores como baixos salários e falta de formação continuada para os docentes foram apontados como responsáveis pela incapacidade dos educadores de colocarem como dispostos e conhecedores da temática.

Não há como negar que discutir sobre a formação de professores/as e diversidade é uma tomada de posição repleta de complexidade, contradições, desafios e tensões. Questões como multiculturalismo, racismo, preconceito, discriminação racial e de gênero, etnocentrismo, ética, religiosidade, subjetividade, identidades e de que forma se encontram relacionadas à vida e às práticas dos sujeitos que vivenciam o cotidiano escolar precisam ser abordadas com mais destaque pela produção teórico educacional.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ABRMOWICZ, A. A pluralidade de ser Judeu. In: GOMES, N. L.; Gonçalves, P. B. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ABRMOWICZ, A. **Trabalhando a diferença na educação infantil**. São Paulo: Moderna, 2006.

CANDAU, M. V. **Sociedade multicultural e educação: tensão e desafios**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CELESTINO, M. R. **A formação de professores e a sociedade moderna**. Dialogia, São Paulo, v. 5, p.73-80, 2006.

GAETA, M. A. J. V. Identidades multiculturais em espaços escolares: dilemas entre o reconhecido e o vivido. In: GONÇALVES, M. F.C.(org). **Educação escolar, identidade e diversidade**. Florianópolis: Insular, 2003.

GIL, T. **Refletir a educação, a diversidade e a inclusão**, [em linha], Disponível multiculturalismo, 2003. Disponível em <<http://www.oi.acime.gov.pt/docs/rm/multiculturalismo.pdf>> Acesso em 21 de julho de 2008.

GOMES, N. L.; SILVA, P. B.; GONÇALVES, P. B. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LE BOTERF, G. **De La compétence a la navigáttion professionnelle**. 2. ed. Paris: Les Edition d' organization, 1997.

MACHADO, V. L.,M. Aprendizagem e interação professor-aluno. In: WITTER, G. P.; LOMÔNACO, J.F.B. (Org.). **Psicologia da aprendizagem: aplicações na escola**. São Paulo, 1987.

MAGALHÃES, A. G.; ROMUALDO, A. S.; MARIA CRISTINA GARCIA LIMA, M. C. G.; PEREIRA, R. C. B.; OLIVEIRA, S. P. P. **A formação de professores para a diversidade na perspectiva de Paulo Freire**. V Colóquio Internacional Paulo Freire, Recife, 2005.

MARQUES, R. M. P. (2003). **Políticas de gestão da diversidade étnico-cultural – Da assimilação ao multiculturalismo** - Breve Exercício. Observatório da Imigração. Janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/rm/multiculturalismo.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2012.

MATTOS, A. **Percepção da diversidade de perfis de alunos no discurso e ações de professores de violoncelo: um estudo de caso**. Dissertação de mestrado. UNB, Instituto de Artes, Brasília, 2008.

NOGUEIRA, J. K. , FELIPE, D. A.; TERUYA, T. K. (UEM). **Rev. Corpo, violência e poder**, Florianópolis, 2008.

PEREIRA, Robison Raimundo Silva. **Foucault: O cuidado de si e suas implicações na formação de professores**. Campina Grande: Anais do IV FIPED – Realize Editora, 2012.

SACRISTAN, J. G. A construção do discurso sobre a diversidade e suas práticas. In: ACUDIA, Rosa *et al.* **Atenção a diversidade**. Porto Alegre: Arteme, 2002.

SANTOS, R. M.; SILVA, A.C. **Reflexão professor-aluno**. Uma reflexão dos problemas sociais. Universidade da Amazônia, Trabalho de Conclusão de Curso, Belém, 2002.

SARAIVA, Olympia Maria Silva. **Uma análise sobre a postura do Educador diante da diversidade dos alunos**. Florianio-PI: Monografia - UESPI, 2012.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.